

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECCÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. IV

JANEIRO A JUNHO DE 1898

N.º 1 A 6



Damião de Goes

(Novissima serie)

1. Sua sepultura e brasão¹

O livro publicado recentemente pelo Sr. G. Henriques² contém, a par de noticias valiosas, bastantes erros graves, que é necessario corrigir quanto antes, para que não passem a outras obras. O descuido da maioria dos nossos escriptores em não verificarem citações e desenhos, principalmente quando se referem a monumentos epigraphicos

¹ Transcrevendo a seguinte passagem do jornal mais lido de Alemquer, fazemo-lo com o intuito de justificar uma iniciativa na qual nos encontramos isolados durante longos annos:

«Dizer quem foi Damião de Goes e quaes os serviços prestados por elle á patria e ás letras, seria repetir o que ha um anno dissemos neste lugar e o que a seu respeito muito tem escripto o distincto e profundo historiador o sr. Joaquim de Vasconcellos.

«Principiando com o presente numero o segundo anno d'este jornal, não queremos perder a occasião de dizer que só temos de nos orgulhar por ter sido elle o que fez renascer no espirito dos habitantes de Alemquer o nome do homem a quem a ingrata indifferença de muitos deixou no esquecimento por tantos annos». (*O Damião de Goes*, de 2 de janeiro de 1887, n.º 53).

² *Ineditos Goesianos*, colligidos e annotados por Guilherme J. C. Henriques, vol. I, *Documentos*, Lisboa 1896, 8.º, xxx-212, 1 Tabua genealogica e algumas gravuras no texto. A declaração vol. I parece indicar continuação. Que venha, mas com um grãosinho mais de discernimento no que fôr critica da historia e exegese dos textos copiados, que lhe dão ou que lhe corrigem certos curiosos. Ha poucas semanas (*Damião de Goes: Novos estudos*, Porto 1897) classificámos os meritos e defeitos da obra do Sr. Henriques (Introdução, p. xiv), affirmando que «os erros em alguns capitulos, andam aos enxames». Ahi vae a demonstração que, naturalmente, continuará em variadas series.

ou a documentos heraldicos, que estão fixos em lugar determinado, mas longe de olhares curiosos — obriga-nos a recomendar toda a cautella e precaução.

É sabido que o illustre chronista jaz sepultado na igreja de Nossa Senhora da Varzea de Alemquer, que se desfaz em ruinas. Debalde estamos chamando desde 1879¹, em escriptos nossos, contra um abandono, que nos parece criminoso!

O Sr. Henriques insere os seguintes escudos de armas relativos a Damião de Goes:

A. — A p. 151: o escudo que lhe concedeu o Imperador Carlos V em 1544, após a sua brilhante conducta na defesa de Lovania (1541). Foi copiado fielmente do opusculo do Dr. Hartmann² (p. 20).

B. — A p. 152: outro escudo encontrado em um *Nobiliario* que Faria e Sousa achou numa loja de livreiro na Calle de Toledo, em Madrid, no fim do seculo xvii. A copia do Sr. Henriques é fiel, mas deveria dizer que o Dr. Hartmann cita (p. 8) como fonte, o apographo de Madrid, e que é sob a fé do escriptor austriaco que se declara que o debuxo de Madrid é igual ao desenho do *Livro da Nobreza*, mandado fazer por D. Manoel, existente na Torre do Tombo. O Dr. Hartmann concluia isto *unicamente* por informações enviadas de Lisboa.

Nas palavras do Sr. Henriques não ha a necessaria clareza neste ponto, porque não entendeu a linguagem allemã do folheto.

É sabido que as declarações do *fabulista* Faria e Sousa devem ser recebidas com toda a cautella.

¹ Fui eu que movi o Sr. Joaquim Possidonio da Silva a ir a Alemquer como Presidente da Associação dos Architectos e Archeologos, repôr a cabeça esculpida de Damião de Goes, sobre a lapide latina. O Secretario da Commissão dos Monumentos Nacionaes, no seu ultimo *Relatorio* (Lisboa 1893, p. 24), esqueceu o que escrevi na *Actualidade* (1879) em dois extensos folhetins, sobre o estado da igreja de Nossa Senhora da Varzea.

Esqueceu ou não sabe tambem que tenho a correspondencia com o Sr. Presidente em meu poder. Está á disposição dos collegas. Ninguem (porque duvidamos que o Sr. Henriques visse andar a esculptura *aos ponta-pés* pela igreja) sabia da cabeça em Alemquer: eu achei-a sepultada no entulho. E se o Sr. Henriques viu tal cousa, como affirma, e não providenciou immediatamente, ha de permittir que lhe diga que não cumpriu o seu dever, e que o seu decantado amor pela memoria de Damião de Goes não vae longe.

² *Geschichte der Grafen Goës*, (1100-1873), Wien 1873. 8.º de 60 paginas com 5 gravuras e 3 Tabuas genealogicas.

C.— A p. 153: terceiro escudo que o Sr. Henriques afirma ser o da Varzea. É uma mistificação, como vamos provar. Não é mais que uma copia de Hartmann (p. 22), o qual nunca viu desenho algum dos emblemas heraldicos que estão naquella igreja, nem a elles fez a menor allusão.

D.— A p. 133: retabulo com os escudos aliados de Damião e de sua esposa D. Joanna, na igreja da Varzea, lado do Evangelho. O d'elle é uma completa mistificação; o braço da consorte está errado nos emblemas e adulterado em tres das cinco inscripções que o exornam.

E.— A p. 132, em face de p. 133: insere-se a inscripção biographica do chronista, que o Sr. Henriques reproduz com erros grosseiros¹.

Vamos por partes: comecemos por

D.— que discutiremos conjunctamente com **E.**

O desenho publicado pelo Sr. Henriques abrange duas paginas, como fica dito. O engano começa pelo fundo do seu desenho:

I. O fundo da parede em que o retabulo assenta não é silharia regular, mas sim azulejo historiado de 1714 (data inedita).

II. O retabulo está traçado num desenho vago e absolutamente incorrecto, quando o original se apresenta claro, correcto e evidentemente da ordem ionica. O anjo collocado na *cartouche* que o remata é ridiculo; em vez de um busto, representa uma linda cabeça de cherubim alado, que adormece sorrindo.

III. O escudo de Damião é uma completa mascarada; os emblemas postos no campo do escudo são inintelligiveis; o elmo, uma monstruosidade; o timbre parece um anjo alado com *coronel* (!) em vez de um leão crescente e rompente; nas azas faltam-lhe todas as cinco

¹ P. 132: *Varias casus; pulverum hunc, etc.* Nova lição errada, de outras lições já erradas em 1873. Leia-se: *varios, pulverem.*

O leitor perguntará: aonde estarão sepultados os restos do chronista e de sua esposa? Provavelmente no chão da capella-mór, em face do altar. Suspeitamos que estarão debaixo de uma grande lapide meio encoberta pelo sobrado; a parte descoberta contém differentes linhas mutiladas, que se referem á obra do pavimento da igreja, á qual foi incontestavelmente emprehendida por Damião em sua vida, como consta do Processo da Inquisição. Sobre a nossa leitura conjectural vid. adeante.

É urgente o levantamento do sobrado e pavimento, para se completar a leitura e verificar as condições em que se acha o carneiro. O Sr. Henriques nada diz d'esta inscripção.

quadernas de luas do escudo; emfim, o paquífe está reduzido a umas garatujas pueris, quando no original representa uma folhagem de la-vor archaico, finalmente estylizada.

Passando ao escudo de D. Joanna, temos nova mascarada.

Vejamos primeiro as inscripções do original.

Na 2.^a linha do 1.^o quartel imprime o Sr. Henriques TERWHCR, em vez de TERWIICK. Leia-se completo: OOSTERWIJCK¹.

No 2.^o quartel imprime: OESTHVM; e deve ler-se: OESTRVM.

Agora os emblemas heraldicos:

São illegiveis, como se fossem desenhados por uma criança.

No 1.^o quartel temos tres divisões em vez de quatro: uma coroa, um Joelho(?) e tres arruellas! Puras invenções.

No 2.^o quartel um anjo alado, em vez de uma aguia.

No 3.^o quartel tres quadrados com um triangulo sobreposto, em vez dos tres cadeados, emblemas da familia *Suis*.

Finalmente: a *carranca* da qual pende o escudo, como se fosse um rotulo á moda flamenga, apparece transformada na cabeça de um anjo.

Resumindo: compare-se tudo com a nossa estampa.

Passemos a outro ponto:

E. — Na lapide que contém a inscripção tumular de Damião de Goes: a *cartouche* que ostenta no centro o busto do chronista está mal desenhada; o busto parece uma cabeça com barrete de clérigo; na parte superior falta o remate, que é a Cruz da Ordem de Christo.

Na inscripção ha erros graves; por ex.: *varias casus* — por *varios casus*; *pulverum*, em vez de *pulverem*.

Toda a pontuação é arbitraria.

O Sr. Henriques fica-nos a dever a chave do enigma d'esta celebre inscripção, que intrigou os eruditos durante seculos.

1.^o) Não diz o motivo porque, fallando nas quatorze primeiras linhas da lapide o proprio Damião, na primeira pessoa: *eques lusitanus*

¹ São os titulos dos senhorios e allianças de seu pae. Sobre as inscripções do brasão de D. Joanna de Hargen, vid. o nosso ultimo trabalho: *J. de Vasconcellos, Damião de Goes: Novos Estudos*. Porto 1897, cap. II. *A cabeça de Damião de Goes*, nova ed., pp. 35-49; e cap. VII, p. 136, onde vem todas as inscripções lapidares, e todas as heraldicas do brasão feminino.

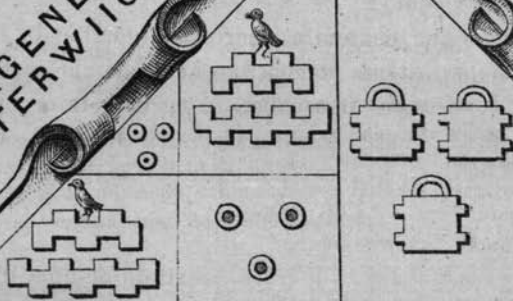
O Sr. Henriques fez com esses cinco nomes, que não soube explicar, as mais singulares combinações e estropiou tudo em 1896, p. 131. Lê elle: *Hargen et Oesterwick Oesthumburg suis*, e logo em seguida a p. 133, de outro modo! Vid. supra.

D.^A JOANNA DE HARGEM



HARGENEToes
TERWICK

SVIS



OESTRVM

BVRCH



olim fui (*peragravi, subivi, etc.*), passa na decima quinta linha para a terceira pessoa: *Obiit*¹.

2.^o) Não diz que na Autobiographia do chronista o epitaphio acaba precisamente no fim da decima quarta linha²; devendo concluir-se que as restantes tres linhas, a começar do *Obiit*, são obra de pessoa es-

¹ Inscrição :

DEO. OPT. MAXIM.
 DAMIANVS. GOES. EQVES.
 LVSITANVS. OLIM. FVL
 EVROPAM. VNIVERSAM. REBVS.
 AGENDIS. PERAGRAVI.
 MARTIS. VARIOS. CASVS.
 LABORESQ. SVBIVI.
 MVSAE. PRINCIPES. DOCTIQ.
 VIRI. MERITO. ME. AMARVNT.
 MODO. ALANOKERCAE.
 VBI. NATVS. SVM. HOC.
 SEPVLCHRO. CONBOR.
 DONEC. PVLVEREM HUNC.
 EXCITET. DIES. ILLA.
 OBIT. ANNO. SALVTIS.
 M. D. LX.
 H. M. H. N. S.

² Já o affirmámos em 1879; mas não deram por isso! O treslado mais antigo d'esta inscrição, que reproduzimos em 1879 do manuscrito do padre Cruz (fim do seculo xvi) acaba tambem na 14.^a linha. O codice Castello-Rodrigo (1616) do mesmo modo. As tres ultimas linhas, e principalmente a data, que é simplesmente a da reforma da capella-mór pelo chronista, são pois interpollações.

Pomos aqui o Indice do volume *Novos Estudos* para informação do leitor, porque a tiragem foi apenas de 100 exemplares.

Ao leitor.....	VII
I Ensaio biographico (1879).....	1-33
II A cabeça de Damião de Goes (1879).....	35-49
III A feitoria de Portugal em Flandres (1885).....	51-63
IV Iconographia goësiava — Rio de Janeiro — Paris — Collecção Vasconcellos (Estudo inedito).....	65-77
V Os autographos de Damião de Goes: Ultimos trabalhos da Correspondencia latina — Cicero — Quintiliano — Nobiliario (Estudo inedito).....	79-91
VI Documentos ineditos:.....	93-129
1. Explicação prévia. Autobiographia.	
2. Balthazar Dias de Goes.	
3. A Satyra de 1554.	
4. A Questão dos Athaides.	
5. Cartas portuguezas ineditas.	
VII Descendentes de Damião de Goes em Flandres (até 1680), Allemanha e Austria.....	131-152
Hargen — Harambergue — Hoorn — Monfoort — Tróoch a Goossen — Goësz — (Nova ed. do Estudo de 1887).	
Erratas e Additamento.....	153

(As datas entre parenthesis designam as primeiras edições dos differentes Estudos).

tranha, incluindo a data errada M. D. LX., provada como falsa desde o principio deste seculo ¹.

Tudo isto, e mais ainda, está dito e commentado desde 1879, por nós.

Parecem-nos problemas bem mais importantes do que a questão, um tanto ingenua, de saber-se se foi S. S.^a que primeiro deu (p. XXI) pela «falta do ponto final» (*sic*) após o algarismo errado. Não deu porém pela nossa demonstração, feita ha dezoito annos.

Passemos a :

C. — O escudo de p. 153 que o Sr. Henriques dá como existente na igreja da Varzea ² é uma nova mystificação. Sentimos ter de repetir isto, mas urge esclarecer o público e prová-lo, porque um escudo de familia é um documento historico de primeira ordem. Embora o auctor não dê o *seu* escudo como cousa importante, e trate estas questões heraldicas com singular ligeireza, devemos advertir-lo que ha mais de vinte annos alguém se esforça por assentar a biographia de Damião em bases solidas; e esse alguém não póde admittir mystificações, nem leviandades.

O Sr. Henriques copiou esse escudo de p. 153, pura e simplesmente, da obra do Dr. Hartmann (p. 22); e passou-o com artes de prestimano, para a igreja da Varzea. Porque? Talvez para remediar o descuido e a impericia de quem traçou o famoso desenho, que devia ser o da Varzea, e já analysámos sub **D.**

Na capella-mór ha luz mais que sufficiente para se fazer um bom desenho, apesar do Sr. Henriques querer convencer o leitor do contrario. Nem é só o *timbre*, o que está errado a p. 132; é tudo, como vimos. O seu desenhador foi leviano.

Alguém o enganou, mas nesse caso porque não supprimiu o engano, a dupla mystificação, anterior, de p. 133 (com os desenhos das lapides errados, do chronista e da esposa) e commetteu agora, a p. 153 terceira mystificação, fazendo a emenda peor do que o soneto?

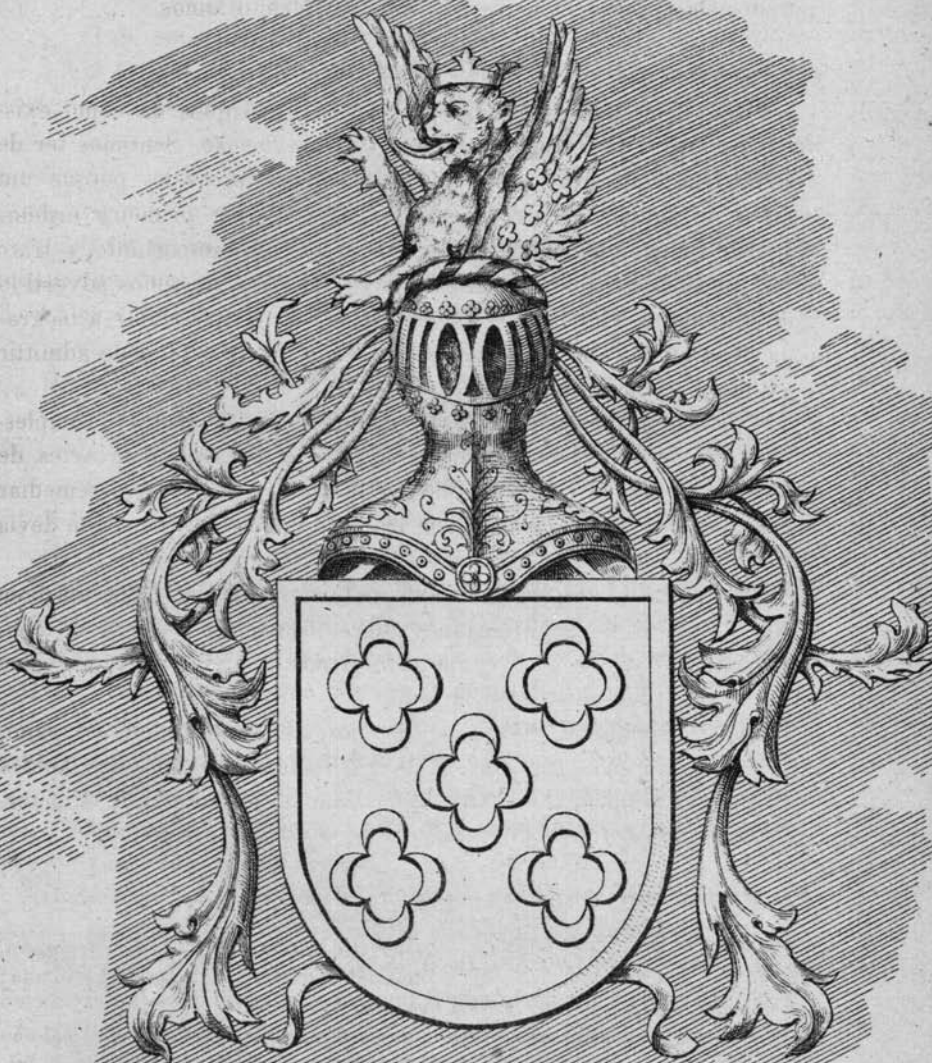
¹ *Retratos e Elogios de Varões e Donas que illustraram a Nação portugueza*, Lisboa, em fasc. 1815-17. Excellente biographia que tem sido mal aproveitada; a primeira que fallou claramente do Processo do chronista.

² Suas palavras: «É este o escudo que está na igreja da Varzea, o qual não vem fielmente reproduzido na gravura da pedra que neste livro dou, devido talvez á pouca luz que não permittiu que o desenhador visse bem o timbre. Fica retificado na gravura seguinte» (p. 153).

Ora a emenda é peor do que o soneto! A gravura seguinte é copia do brasão do Dr. Hartmann; nada tem com o da igreja da Varzea!!

NOSSA SEN.^{RA} DA VARZEA - ALEMQUER

DAMIÃO DE GOES



Vejam os. Neste escudo de p. 153 ha a fazer as seguintes emendas fundamentaes :

1.º Falta o coronel do Leão.

2.º O elmo não tem coroa, mas sómente o panno enrolado do paquife, formando *rodete*.

3.º A asa esquerda tem cinco quadernas de luas (em vez de duas), em aspa, conforme o campo do escudo.

4.º O desenho do paquife é totalmente differente.

5.º O escudo está posto perpendicularmente na igreja da Varzea e não inclinado; o elmo ao meio d'elle, e não no canto esquerdo.

6.º Emfim: a indicação convencional das côres (por meio de traços), no desenho do Sr. Henriques, revela que não foi feito perante a escultura original. Sabe-se que esses traços convencionaes nunca são representados na pedra. Bastava esta circumstancia para o leitor medianamente illustrado perceber logo que a figura do Sr. Henriques foi tirada de um desenho graphico e não directamente do monumento esculptural.

Resumindo: compare-se tudo com a nossa estampa.

Ha mais a seguinte contra-prova do que affirmamos :

O Sr. Henriques, citando a p. 153 a Carta Regia de D. Sebastião de 15 de agosto de 1567, que confirma o escudo de armas de Damião, descreve-o conforme a dita Carta, mas não repara que a descripção discorda do desenho, inserto logo em seguida.

Diz: «Escudo de campo azul com cinco cadernas de crescentes de prata em aspa; elmo de prata aberto guarnecido de ouro, paquife de prata e azul, e por timbre um meio leão de prata armado de ouro, com um coronel do mesmo entre duas azas de azul, sobre as quaes estam as mesmas cadernas das armas semeadas».

a) Se ha um elmo de prata aberto, guarnecido de «ouro» porque apparece, accrescentado com um *coronel*?

b) Se ha por «timbre um meio leão de prata armado de ouro com: «um coronel do mesmo entre duas azas de azul», perguntamos: porque razão lhe tirou o *coronel*?

c) Se nas azas: «estam as mesmas quadernas das azas semeadas» — porque é que apparecem só *duas* em vez de *cinco*?

Não sabe o Sr. Henriques confrontar o texto descriptivo de um brasão com os emblemas consignados nesse mesmo brasão?

Não é preciso grande saber em heraldica para se chegar a uma contra-prova segura no sentido referido.

Isto como amostra, porque ha, infelizmente, outros erros graves no volume, no meio de documentos de valor, por cuja compilação lhe devemos ser gratos.

Esses erros formigam, por exemplo, em todas as citações sobre os Goes da Allemanha (Austria), tiradas da obra do Dr. Hartmann. Não sabemos quem foi o traductor do Sr. Henriques. O que podemos assegurar ao leitor é que de p. 180 a p. 186 os erros contam-se ás duzias.

Renunciamos ao trabalho inglorio de lh'os enumerar, mesmo porque o unico remedio seria retraduzir-lhe quasi todos os factos allegados nas sete paginas.

Porém o que poucos poderão fazer, é ir a Alemquer comparar os singulares desenhos do livro do Sr. Henriques com os originaes, ou ter uma carteira antiga de desenhos, de tal modo recheada, que permitta reconhecer, á primeira vista, que as gravuras são obra muito leviana; emparelham com a do respectivo texto¹.

2. A campá do chronista

Eis a inscripção que está no pavimento da capella-mór, descoberta no dia 6 de Setembro, após quatro horas de trabalho, levantando-se a pesada cantaria dos degraus do altar-mór. Assistiram apenas ao acto o signatario, o sr. M. Carmo e um operario.

DEO · OPT · MAX ·
 DAMIANO · GOI · EQVITI · LUSI-
 TANO · ET · IOANNAE · HARGO-
 NIAE · BATAVAE · CONIVGIB · POS-
 TERISQ · EORVM · COLLEGIVM ·
 SACERDOTVM · HVIVSCE · TEM-
 PLI · VIRGINIS · DEIPARAE · EX · O-
 LISIPONENSIS · PONTIFICIS ·
 CONSENSV · CELLAM · IN · GEN-
 TILICIAM · DEDIT · SEPVLTV-
 RAM · CAVTO² · NE · CVI · ALII EX-
 TRA · EORVM · FAMILIAM · IVS · ES-
 TO · IBI · SEPELIRI · QVOD · II · PAVI-
 MENTVM · CELLAE · EIVS · VARIO
 AC · PERPOLITO · LAPIDE · OPE-
 RE · TESSELATO · STERNEN-
 DVM · SVA · PECVNIA ·
 CVRAVERVNT
 M · D · L · X ·

¹ Advertimos que esta Parte I do presente estudo foi escripta em Junho de 1897, e entregue á redacção em meado de Agosto. Em Setembro fizeram-se as pesquisas que deram origem á Parte II.

² Leia-se, talvez, CAVTE, com mais exactção.

Esta inscripção, com as lacunas que a lapide offerece, por lesão grave, ponteadas as palavras de duvidosa leitura¹, foi publicada primeiramente no *Diario de Noticias*, de 8 de Setembro, com as seguintes explicações:

«Esta campa estava occulta sob os degraus de pedra do altar-mór nada menos de 0^m,89, não podendo ler-se as primeiras nove linhas. As dimensões da pedra são as seguintes:

«Comprimento 2^m,20, largura 1^m,15. Temos pois a prova de que Goes e sua mulher foram sepultados debaixo d'aquella pedra que, na parte até hoje conhecida, apenas alludia á obra do pavimento do templo, mandada fazer pelo chronista em 1560, data que tambem é a da lapide biographica, collocada do lado da Epistola. É pois uma descoberta importantissima.

«As linhas ponteadas representam mutilações da inscripção, que depois de citar os nomes dos conjuges, refere o contracto celebrado com a Collegiada, e approved pelo prelado lisbonense D. Fernando de Vasconcellos. Depois seguem algumas palavras mutiladas e apagadas, que alludem á renovação do pavimento de mosaico de marmore de duas côres (losangos vermelhos e brancos), que reveste ainda hoje a capella-mór.

«Declara a obra feita á sua custa, como é natural, pois tendo de construir o carneiro, alterou o pavimento. Resta agora mandar abrir a sepultura com as devidas formalidades e cautellas que a sciencia aconselha. O trabalho não levou menos de quatro horas a executar. A inscripção é toda inedita».

Depois da inserção no *Diario de Noticias*, appareceu a narrativa da descoberta em differentes jornaes da capital e das provincias.

Citaremos sómente: *Jornal da Manhã* de 8 de Setembro, *Diario Illustrado* da mesma data, *Reporter* de 15, *Jornal de Melgaço* de 23 de Setembro, etc.

O *Damião de Goes*, periodico de Alemquer, tentou uma integração e uma traducção que padecem de graves defeitos. Esta, é manifestamente erronea, com erros de simples concordancia grammatical, omisões de phrases e interpolações arbitrarías, isto é, invenções; aquella contém erros de pontuação que deturpam o sentido (*Damião de Goes*, n.º 611 de 12 de Setembro).

No numero immediato (19 de Setembro) deu o jornal nova traducção (mas sem transcripção, nem emenda do original latino), que

¹ No texto as palavras truncadas vão em letras ponteadas.

pouco melhora; falta ainda a expressão *cavalleiro lusitano*; BATAVAE é adjectivo, corresponde a hollandeza, e não deve traduzir-se de *Batavia*, etc. Adeante offerecemos as duas traducções successivas do *Damião de Goes*, que, verdadeiramente, exigiam terceira edição, no interesse dos proprios alemquerenses.

O traductor, ao qual a redacção não pôde ou não soube offerecer uma leitura latina acceitavel, embaraçado com as ligaduras da lapide leu, como ella, assim:

CAVTO. NECVIALII. EX-
TRAEORVM FAMILIAM. IVSES-
TOIBI SEPELIRI. QVODIL PAVI-
MENTVM CELLAE

etc.¹

Recorreu ao expediente de amplificar a leitura com uma paraphrase, que ladeia a difficuldade, mas destroe o character epigraphico, do monumento, a concisão lapidar da redacção original e até o sentido. Por ultimo, temos a advertir que nunca e em parte alguma do mundo se admite a leitura conjectural de uma inscripção, sem que a parte integrada fique marcada com os signaes convencionaes, consagrados pela sciencia.

¹ Para que haja todo o escrúpulo, copiamos fielmente a leitura, dada pelo jornal de Alemquer. Nem o alinhamento respeitaram.

Confronte o leitor com a nossa. Repare-se na pontuação, absolutamente inadmissivel:

DEO. OPT. MAX.
DAMIANO GOI. EQVITI LVSI-
TANO. ET IONNAE HARGO-
NIAE. BATAVAE. CONIVGIB. POS-
TERISQ. EORVM. COLLEGIVM.
SACEBDOTVM. HVIVSCE TEM-
PLI. VIRGINIS DEIPARAE. EX O-
LISIPONENSIS PONTIFICIS
CONSENSV. CELLAM. IN GEN-
TILICIAM DEDIT. SEPVLV-
RAM. CAVTO. NECVIALII. EX-
TRAEORVM FAMILIAM. IVSES-
TOIBI SEPELIRI. QVODIL PAVI-
MENTVM CELLAE. EIVS VARIO.
AC PERPOLITO LAPIDE. OPE-
RE TESSELATO. STERNEN-
DVM. SVA PECVNIA
CVRAVERVNT
M. D. L. X.

Indo no dia 20 de Setembro com o sr. Presidente da Camara, H. Campeão, proprietario e redactor principal do *Damião de Goes*, á igreja da Varzea, expliquei-lhe em face da propria cópia, feita pela redacção, que o manuscrito¹ continha ainda cinco ou seis erros de pontuação, ligações confusas, etc.

Certamente que é louvavel o zêlo de servir de prompto o publico, mas convem ser discreto nesse zêlo. A leitura de uma inscripção, mórmente quando mutilada, demanda tempo, estudo e experiencia.

Pomos aqui, em face, as duas versões do *Damião de Goes*, A-B e a nossa C, feita conforme as regras, fielmente:

¹ A pontuação das palavras não está clara sobre a lapide maltratada; é forçoso abstrahir em algumas palavras das ligaduras, aliás o sentido não se lê. Foi o que fizemos em a nossa leitura.

(A)	(B)	(C)
<p>DEO. OPT. MAX. A congregação dos sacerdotes d'este mesmo templo, consagrado á Virgem Maria, obtida licença do Bispo de Lisboa, dêtheron conceder</p>	<p>DEO. OPT. MAX. A congregação dos sacerdotes d'este mesmo templo, consagrado á Virgem Maria, obtida licença do Bispo de Lisboa, debiteron conceder</p>	<p>DEO · OPT · MAX · DAMIANO · GOI · EQVITI · LUSI- TANO · ET · IOANNAE · HARGO- NIAE · BATAVAE · CONIVGIB · POS- TERISQ · EORVM · COLLEGIVM · SACERDOTVM · HVIYSCE · TEM- PLI · VIRGINIS · DEIPARAE · EX · O- LISPONENSIS · PONTITICIS · CONSENSV · CELLAM · IN · GEN- TILICIAM · DEDIT · SEPVLTV- RAM · CAVTO · NE · CVI · ALII EX- TRA · EORVM · FAMILIAM · IVS · ES- TO · IBI · SEPELIRI · QVOD · II · PAVI- MENTVM · CELLAE · EIVS · VARIO AC · PERPOLITO · LAPIDE · OPE- RE · TESSELATO · STERNEN- DVM · SVA · PECVNIA · CVRAVERVNT M · D · L · X ·</p>
<p>DEO. OPT. MAX. A congregação dos sacerdotes d'este mesmo templo, consagrado á Virgem Maria, obtida licença do Bispo de Lisboa, dêtheron conceder</p>	<p>DEO. OPT. MAX. A congregação dos sacerdotes d'este mesmo templo, consagrado á Virgem Maria, obtida licença do Bispo de Lisboa, debiteron conceder</p>	<p>DEO · OPT · MAX · DAMIANO · GOI · EQVITI · LUSI- TANO · ET · IOANNAE · HARGO- NIAE · BATAVAE · CONIVGIB · POS- TERISQ · EORVM · COLLEGIVM · SACERDOTVM · HVIYSCE · TEM- PLI · VIRGINIS · DEIPARAE · EX · O- LISPONENSIS · PONTITICIS · CONSENSV · CELLAM · IN · GEN- TILICIAM · DEDIT · SEPVLTV- RAM · CAVTO · NE · CVI · ALII EX- TRA · EORVM · FAMILIAM · IVS · ES- TO · IBI · SEPELIRI · QVOD · II · PAVI- MENTVM · CELLAE · EIVS · VARIO AC · PERPOLITO · LAPIDE · OPE- RE · TESSELATO · STERNEN- DVM · SVA · PECVNIA · CVRAVERVNT M · D · L · X ·</p>
<p>DEO. OPT. MAX. A congregação dos sacerdotes d'este mesmo templo, consagrado á Virgem Maria, obtida licença do Bispo de Lisboa, dêtheron conceder</p>	<p>DEO. OPT. MAX. A congregação dos sacerdotes d'este mesmo templo, consagrado á Virgem Maria, obtida licença do Bispo de Lisboa, debiteron conceder</p>	<p>DEO · OPT · MAX · DAMIANO · GOI · EQVITI · LUSI- TANO · ET · IOANNAE · HARGO- NIAE · BATAVAE · CONIVGIB · POS- TERISQ · EORVM · COLLEGIVM · SACERDOTVM · HVIYSCE · TEM- PLI · VIRGINIS · DEIPARAE · EX · O- LISPONENSIS · PONTITICIS · CONSENSV · CELLAM · IN · GEN- TILICIAM · DEDIT · SEPVLTV- RAM · CAVTO · NE · CVI · ALII EX- TRA · EORVM · FAMILIAM · IVS · ES- TO · IBI · SEPELIRI · QVOD · II · PAVI- MENTVM · CELLAE · EIVS · VARIO AC · PERPOLITO · LAPIDE · OPE- RE · TESSELATO · STERNEN- DVM · SVA · PECVNIA · CVRAVERVNT M · D · L · X ·</p>
<p>DEO. OPT. MAX. A congregação dos sacerdotes d'este mesmo templo, consagrado á Virgem Maria, obtida licença do Bispo de Lisboa, dêtheron conceder</p>	<p>DEO. OPT. MAX. A congregação dos sacerdotes d'este mesmo templo, consagrado á Virgem Maria, obtida licença do Bispo de Lisboa, debiteron conceder</p>	<p>DEO · OPT · MAX · DAMIANO · GOI · EQVITI · LUSI- TANO · ET · IOANNAE · HARGO- NIAE · BATAVAE · CONIVGIB · POS- TERISQ · EORVM · COLLEGIVM · SACERDOTVM · HVIYSCE · TEM- PLI · VIRGINIS · DEIPARAE · EX · O- LISPONENSIS · PONTITICIS · CONSENSV · CELLAM · IN · GEN- TILICIAM · DEDIT · SEPVLTV- RAM · CAVTO · NE · CVI · ALII EX- TRA · EORVM · FAMILIAM · IVS · ES- TO · IBI · SEPELIRI · QVOD · II · PAVI- MENTVM · CELLAE · EIVS · VARIO AC · PERPOLITO · LAPIDE · OPE- RE · TESSELATO · STERNEN- DVM · SVA · PECVNIA · CVRAVERVNT M · D · L · X ·</p>
<p>DEO. OPT. MAX. A congregação dos sacerdotes d'este mesmo templo, consagrado á Virgem Maria, obtida licença do Bispo de Lisboa, dêtheron conceder</p>	<p>DEO. OPT. MAX. A congregação dos sacerdotes d'este mesmo templo, consagrado á Virgem Maria, obtida licença do Bispo de Lisboa, debiteron conceder</p>	<p>DEO · OPT · MAX · DAMIANO · GOI · EQVITI · LUSI- TANO · ET · IOANNAE · HARGO- NIAE · BATAVAE · CONIVGIB · POS- TERISQ · EORVM · COLLEGIVM · SACERDOTVM · HVIYSCE · TEM- PLI · VIRGINIS · DEIPARAE · EX · O- LISPONENSIS · PONTITICIS · CONSENSV · CELLAM · IN · GEN- TILICIAM · DEDIT · SEPVLTV- RAM · CAVTO · NE · CVI · ALII EX- TRA · EORVM · FAMILIAM · IVS · ES- TO · IBI · SEPELIRI · QVOD · II · PAVI- MENTVM · CELLAE · EIVS · VARIO AC · PERPOLITO · LAPIDE · OPE- RE · TESSELATO · STERNEN- DVM · SVA · PECVNIA · CVRAVERVNT M · D · L · X ·</p>
<p>DEO. OPT. MAX. A congregação dos sacerdotes d'este mesmo templo, consagrado á Virgem Maria, obtida licença do Bispo de Lisboa, dêtheron conceder</p>	<p>DEO. OPT. MAX. A congregação dos sacerdotes d'este mesmo templo, consagrado á Virgem Maria, obtida licença do Bispo de Lisboa, debiteron conceder</p>	<p>DEO · OPT · MAX · DAMIANO · GOI · EQVITI · LUSI- TANO · ET · IOANNAE · HARGO- NIAE · BATAVAE · CONIVGIB · POS- TERISQ · EORVM · COLLEGIVM · SACERDOTVM · HVIYSCE · TEM- PLI · VIRGINIS · DEIPARAE · EX · O- LISPONENSIS · PONTITICIS · CONSENSV · CELLAM · IN · GEN- TILICIAM · DEDIT · SEPVLTV- RAM · CAVTO · NE · CVI · ALII EX- TRA · EORVM · FAMILIAM · IVS · ES- TO · IBI · SEPELIRI · QVOD · II · PAVI- MENTVM · CELLAE · EIVS · VARIO AC · PERPOLITO · LAPIDE · OPE- RE · TESSELATO · STERNEN- DVM · SVA · PECVNIA · CVRAVERVNT M · D · L · X ·</p>
<p>DEO. OPT. MAX. A congregação dos sacerdotes d'este mesmo templo, consagrado á Virgem Maria, obtida licença do Bispo de Lisboa, dêtheron conceder</p>	<p>DEO. OPT. MAX. A congregação dos sacerdotes d'este mesmo templo, consagrado á Virgem Maria, obtida licença do Bispo de Lisboa, debiteron conceder</p>	<p>DEO · OPT · MAX · DAMIANO · GOI · EQVITI · LUSI- TANO · ET · IOANNAE · HARGO- NIAE · BATAVAE · CONIVGIB · POS- TERISQ · EORVM · COLLEGIVM · SACERDOTVM · HVIYSCE · TEM- PLI · VIRGINIS · DEIPARAE · EX · O- LISPONENSIS · PONTITICIS · CONSENSV · CELLAM · IN · GEN- TILICIAM · DEDIT · SEPVLTV- RAM · CAVTO · NE · CVI · ALII EX- TRA · EORVM · FAMILIAM · IVS · ES- TO · IBI · SEPELIRI · QVOD · II · PAVI- MENTVM · CELLAE · EIVS · VARIO AC · PERPOLITO · LAPIDE · OPE- RE · TESSELATO · STERNEN- DVM · SVA · PECVNIA · CVRAVERVNT M · D · L · X ·</p>
<p>DEO. OPT. MAX. A congregação dos sacerdotes d'este mesmo templo, consagrado á Virgem Maria, obtida licença do Bispo de Lisboa, dêtheron conceder</p>	<p>DEO. OPT. MAX. A congregação dos sacerdotes d'este mesmo templo, consagrado á Virgem Maria, obtida licença do Bispo de Lisboa, debiteron conceder</p>	<p>DEO · OPT · MAX · DAMIANO · GOI · EQVITI · LUSI- TANO · ET · IOANNAE · HARGO- NIAE · BATAVAE · CONIVGIB · POS- TERISQ · EORVM · COLLEGIVM · SACERDOTVM · HVIYSCE · TEM- PLI · VIRGINIS · DEIPARAE · EX · O- LISPONENSIS · PONTITICIS · CONSENSV · CELLAM · IN · GEN- TILICIAM · DEDIT · SEPVLTV- RAM · CAVTO · NE · CVI · ALII EX- TRA · EORVM · FAMILIAM · IVS · ES- TO · IBI · SEPELIRI · QVOD · II · PAVI- MENTVM · CELLAE · EIVS · VARIO AC · PERPOLITO · LAPIDE · OPE- RE · TESSELATO · STERNEN- DVM · SVA · PECVNIA · CVRAVERVNT M · D · L · X ·</p>

¹ Bispo é erro, duas vezes, porquanto havia arcebispo desde 1394.

² Omissão dos termos na primeira versão; e antes, omissão dos termos: *cavalleiro lusitano!*

³ Emenda da redacção, referindo «descendentes», a Goes e a sua esposa.

⁴ *Parimentum*, pôde tomar-se no duplo sentido de pavimento (chão) e coberta, segundo os melhores autores.

*

Quando foi coberta a lapide sepulchral com os degraus de cantaria, que dão acesso ao altar-mór?

De que epocha é o dito altar?

Não era facil responder a estas perguntas, nem possivel sem um exame minucioso das condições interiores da igreja. O exame fôra até hoje tão insufficiente que nem a data do pulpito, nem a do azulejo da capella-mór se encontravam em obra alguma. A primeira descripção moderna do interior da igreja, brasões, inscripções e do seu aspecto decorativo foi a que publicámos na *Actualidade* em 1879 (reimpressa em *Novos Estudos*, p. 35 e seg.)

Completamos hoje o exame, começando pelos brutaes degraus.

Quando puseram esse affrontoso remendo?

Podemos responder hoje com bastante segurança, desde o momento em que nos degraus figuram elementos decorativos, a que é possivel assignar uma data determinada. Como ninguem até hoje reparou nestes pormenores, é necessario dar mais ampla explicação:

Os degraus e o patamar de cantaria em que os ajustaram estão revestidos com fragmentos de azulejo historiado, arrancado evidentemente das paredes da capella-mór, pois corresponde a ornatos identicos das ditas paredes, e a fragmentos de figuras que ainda lá estão.

Nesse azulejo, que em 1879 classificámos¹ como sendo da segunda metade do seculo XVII, descobrimos em principios de Agosto a data 1714 (inedita); está visivel dentro de um rotulo pintado no proprio azulejo, na parte superior da unica janella gradeada da capella-mór², lado da Epistola, que projecta luz sobre os brasões dos conjuges, collocados no lado opposto. Um documento de 1668 parece indicar que a campa estava visivel, porque dá o sentido geral d'ella (G. Henriques, *Ineditos*, p. 89).

¹ Foi um engano, na parte relativa á capella-mór, todavia desculpavel para aquelles que sabem que na ceramica decorativa portuguesa um lapso de 30 annos, no periodo em questão (reinado de D. Pedro II, 1683-1706) pouco influe para a apreciação do azulejo historiado.

² É a mesma de que falla o chronista em 1572:

«Item, puz na mesma capella-mór uma vidraça grande, com sua grade de ferro, e rede e bocaes de pedra lioz, e marmores, tudo polido e duas lageas de marmore com has arvores e hum letreiro em latim, e huma campa de minha sepultura com seu letreiro tambem em latim, ho que tudo me costou muito di nheiro». (*Processo de Damião de Goes*, apud Lopes de Mendonça, p. 418).

Em 1714 e ainda bastantes annos depois, devia estar á vista, pois não é crível que, collocado o azulejo, logo o mutilassem, para enfeitar os degraus do altar-mór. A epocha em que a campa de Goes foi coberta deve calcular-se dentro do periodo que decorre entre a data 1714 e a epocha provavel da reconstrucção do altar-mór.

Era esta a nossa opinião até á descoberta da cifra 1714; hoje temos não só esse ponto de apoio, mas podemos invocar outro. É o testemunho de um auctor digno de toda a fé que, escrevendo em 1730, declara que os degraus encobriam já a veneranda camp^a.

O attentado foi commettido, pois, muito provavelmente, entre os annos de 1714 e 1730, quando pretenderam augmentar a machina do altar-mór, á custa do espaço reservado á capella e jazigo.

A construcção informe, que peja actualmente a capella-mór, pouco ou nenhum interesse desperta.

Antes de procedermos á sua classificacção consideremos, porém, o caracter e estylo da composicção ceramica. Esta arte industrial desempenha no corpo da igreja uma funcção decorativa muito importante.

A decoracção da nave é de factura anterior. As paredes estão revestidas em toda a altura com um grande padrão polychromico do segundo terço do seculo XVII, formando tapete; são florões de tres côres (azul, amarello e branco) dentro de losangos brancos, cingidos de faixas e contra-faixas azul escuro. Um alizar corre pelas paredes, na altura de 1^m,50, apresentando, em desenho seguido, o mesmo padrão do centro dos losangos, orlado com um precioso arabesco. O effeito decorativo é bellissimo.

Temos visto o padrão e a orla em varios templos do país; não deve ir alem de 1650-1670.

Houve pois na igreja de Varzea obras por differentes vezes, desde a reconstrucção da capella-mór pelo chronista. O pulpito apresenta a data 1554 (inedita); a pia está marcada 1561; uma capella, não pequena, do lado do Evangelho com aboboda artozoada, cuja adito está vedado por um altar de madeira, deve ter sido construida cerca de 1550-1560. Na intersecção dos artozões apresenta rotulos com a cruz

¹ «Sobre a sua sepultura se acha tambem hum extenso Epitafio, mas procurando eu extrahil-o, o não pude conseguir, porque depois se dilatárão sobre a mesma sepultura as escadas do altar-mór, occultando huma grande parte do Epitafio». (Padre Frei Manoel de S. Damaso. *Verdade, elucidada*, Lisboa 1730, p. 185). O precioso extracto d'este douto socio da Academia Real da Historia vae reimpresso integralmente merecia ser; veja-se a sua honrosa carreira litteraria em Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III, p. 242.

de Santo André. O pulpito datado (1554), a meio da igreja; a capella lateral, consideravel para as dimensões da igreja, que formava um dos braços de um cruzeiro, mas não chegou a completar-se com a saliencia do lado opposto; a pia (1561), na extremidade da nave, á entrada do templo — todos estes elementos, dispersos no mesmo lado do Evangelho, parecem indicar que as obras, feitas por Damião, não se limitaram tão sómente á capella-mór, como reza a tradição. Na sacristia, tambem do mesmo lado, ha ainda uma fonte, cuja moldura quadrada apresenta um gracioso desenho do meado do seculo XVI; emfim, dispersos pela igreja, apparecem azulejos polychromaticos, que pertencem evidentemente ao fim do seculo XVI, e não condizem nem com os das paredes (1650-1670), nem com os da capella-mór (1714). Fizeram-se portanto obras consideraveis¹ nos annos de 1554-1561; passado um seculo revestiram as paredes de azulejo polychromico; em 1714 forraram a capella-mór com o azulejo existente, e pouco antes de 1730 cobriram a campa de Damião com os degraus de cantaria, armando talvez ao mesmo tempo um altar-mór apparatuso, dourado, entalhado, predecessor do actual, muito pobre.

Ao revestimento ceramico devia corresponder uma guarnição de talha adequada. A que reveste o arco triumphal e respectivos altares lateraes, é da segunda metade do seculo XVII; concorda com o azulejo da nave. A bella talha da tribuna do orgão pertence, como o orgão mesmo, ao anno de 1725 e concorda com o azulejo da capella-mór, datado: 1714. O tecto, revestido de castanho, apresenta uma pintura de arabesco, cujo estylo rocóco condiz com o lavor do orgão e da sua tribuna. Finalmente, a porta da entrada, principal, está traçada num desenho elegante que se harmonisa com as datas 1720-1730. Para sermos completos, accrescentaremos que um cruzeiro, muito maltratado, erguido no pequeno terreiro em frente da entrada lateral, ostenta a data 1662.

Este ensaio de chronologia da igreja da Varzea é a primeira tentativa que se faz em Portugal², e pode ser útil nas vesperas de uma reconstrucção.

Voltemos agora ao assumpto principal.

¹ Capella-mór em 1560; a campa no mesmo anno; a lapide biographica, idem; o pulpito em 1554; a pia baptismal em 1561; a sacristia, contigua á capella-mór, tudo concorda na chronologia e no estylo.

² O que o Sr. Guilherme Henriques sabia dizer, em fins de 1896, a respeito da Igreja de Nossa Senhora de Varzea, pode ler-se a p. 128 do seu último trabalho: *Ineditos Goesianos*. Especialmente sobre o jazigo diz o seguinte:

Em 1714 collocaram o azulejo historiado na capella-mór, o qual representa scenas da vida da Virgem e da historia de Santo Amaro, pintadas como se fossem tapeçarias, pendentes das paredes.

O terço inferior do azulejo desenrolla idyllios campestres, traçados num desenho facil e airoso, em *cartouches* de estylo baroque, características e de boa execução. Infelizmente, mutilaram a grande composição cerâmica, tanto os paineis como o alizar, sem o menor respeito.

Os dois ultimos grandes quadros de azulejo foram cortados barbaamente, de ambos os lados: Evangelho e Epistola, avançando a mole de madeira do altar-mór até rente á parede, de modo a diminuir talvez tres metros de fundo, na capella-mór.

Não só as proporções entre o comprimento e a largura d'esta parte do templo soffreram com a intervenção da bruta machina, mas

«A capella-mór, que escapou ao incendio, passados annos cahiu e foi reedificada por Damião de Goes que, segundo a inscripção que está em uma campa, mandou fazer o rico solho tesselado que ainda tem».

Da inscripção, no rico solho (sic !!), nem uma palavra!

Mas ha mais:

«Na sacristia o lavatorio é antiquissimo, mas toseco».

É do meado do seculo xvi, lavor da Renascença, com um escudete das cinco chagas de Christo, no alto.

Ainda mais:

«Proximo á sacristia está uma casa que, a julgar pela abobada, fazia parte da igreja primitiva».

Pouco antes attribue a edificação primitiva a epoca anterior a 1203. Ora a referida abobada é do meado do seculo xvi, como os artezões rectangulares e os escudetes redondos das intersecções o indicam.

Ainda mais: nella (a tal casa) ha uma lage com a inscripção: segue a de Pedre Annes, com diferentes erros e omissões e a data errada: *xxi dias do mez de Junho de 1589*; leia-se: *xxv dñs de Junho de 1539*.

Depois falla das letras dos escudos de Goes e de sua esposa e acha novamente, como em 1873 (*Alemquer e o seu concelho*, p. 193) que parecem *alemaes*!

Transcreve, logo em seguida, o lettreiro latino de Damião e deixa-lhe dois erros graves (*varias casus* por *varios*; *pulverum* em vez de *pulverem*) para o leitor juntar aos da obra de 1873.

E assim por diante É este o escrupuloso trabalho do Sr. Henriques em 1896, amostra de uma só pagina (p. 128).

Ainda a 19 de Setembro de 1897 (*Commercio de Alemquer*) recommenda o Sr. Henriques que se verifique a epocha em que a «vidraça grande com sua grade de ferro e rede e bocaes de pedra lioz», que o illustre chronista diz ter mandado fazer, foi tapada com alvenaria.

Onde terá o Sr. Henriques os olhos?

o carpinteiro ou mestre de obras mal inspirado, lembrou-se de alterar o nível e, para estabelecer o acesso ao altar-mór, construiu uma serie de pesados degraus de cantaria, que cobriram dois terços da campa de Damião de Goes e de sua esposa.

E não consta que houvesse protesto dos descendentes! Agora urge reparar o mal.

Nada obsta a que esse tosco, pesado e desconforme remendo seja apeado e substituído por um altar simples e proporcionado ás dimensões do recinto, deixando-se a descoberto os quadros de azulejo, depois de restaurados.

O que alli vemos agora, é uma affronta ao bom senso.

Informado assim o leitor, é facil responder ás perguntas iniciaes d'este capitulo:

Quando foi coberta a lapide sepulchral com a cantaria dos degraus do altar-mór?

Entre os annos de 1714 e 1730.

E á segunda pergunta, correlativa:

De que epocha é o dito altar?

Resposta: 1780-1810.

Os degraus foram assentes para sustentar a pesada machina de madeira, alteando-a.

Esta já não é, a nosso ver, a construcção, levantada no intervallo de 1714-1730, a qual devia concordar com a talha do orgão e seu elegantissimo coreto, caprichosamente rendilhado e coberto de uma fina pintura polychromica, com realces de ouro brunido e fosco.

O estylo da mole existente accusa o periodo que decorre do fim do seculo XVIII aos principios do actual: 1780-1810. É uma traça banal, mas sufficientemente caracterizada na mão de obra e nas linhas geraes, constructivas, de modo a não admittir duvida, quando se conhece o estylo correspondente á epocha de D. Maria I e regencia de seu filho.

Devemos, por ultimo, advertir o seguinte: Quando no dia 7 de Setembro foi levantada a pesada cantaria dos degraus, appareceram fragmentos de numerosos azulejos que serviam de calço aos ditos degraus; a argamassa, que cobria a campa, ainda apresentava a *impressão*, i. e., a tinta preta do epitaphio da campa, com bastante clareza, o que era indicio de cobertura não muito antiga.

Porto, Outubro de 1897.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.